POPULAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

na era das mudanças ambientais globais

Contribuições para uma agenda brasileira

George Martine
Editor

Ricardo Ojima
Alisson Flávio Barbieri
Roberto Luiz do Carmo
Co-organizadores

REALIZAÇÃO

abep
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS

APOIO

Fundação Carlos Chagas

Scanned by CamScanner

Realização

Abep - Associação Brasileira de Estudos Populacionais
www.abep.org.br

Apoio

Fundação Carlos Chagas
www.fcc.org.br

Preparação dos Originais

Vania Regina Fontanesi

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação

Librum Soluções Editoriais
www.librum.com.br
Ana Carolina Maluf e Gustavo Bolliger Simões

librum

Ficha Catalográfica

Elaborada pela bibliotecária Adriana Fernandes

População e sustentabilidade na era das mudanças ambientais globais: contribuições para uma agenda brasileira / George Martine (Ed.) – Belo Horizonte: ABEP, 2012.

320p.

ISBN:- 978-85-85543-25-9

1. População. 2. Sustentabilidade. 3. Meio Ambiente. I. Martine, George (Ed.). II. Ojima, Ricardo (Co-Org.). III. Barbieri, Alisson Flávio (Co-Org.). IV. Carmo, Roberto Luiz (Co-Org.). V. Título.

Copyright © 2012 by Abep - Associação Brasileira de Estudos Populacionais

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou quaisquer outros meios, sem a expressa permissão de seu editor.

Scanned by CamScanner

URBANIZAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E POPULAÇÕES TRADICIONAIS

Roberto Luís Monte-Mór[1]

As populações tradicionais estiveram durante séculos desqualificadas e invisíveis no Brasil, um país que sempre teve a modernidade como sua referência na busca do progresso. A negação e a superação do "arcaico" eram condição para o surgimento do "país do futuro", a nova nação que entraria para o Primeiro Mundo, sonho brasileiro desde o império.

Os índios brasileiros foram quase exterminados também do imaginário nacional, e todos estudamos seus costumes e práticas como coisas do passado: "os índios caçavam, os índios viviam..." Seu "renascimento" nas últimas décadas é uma grande surpresa para muitos. Os negros, ex-escravos, outro símbolo do atraso histórico do país, ou se recolheram a espaços marginais, como favelas e terreiros, ou se amulataram no processo "necessário" de embranquecimento,

1 Arquiteto, urbanista, Ph.D. em Planejamento Urbano, professor e pesquisador do Cedeplar e do NPGAU, ambos da UFMG, pesquisador do CNPq.

Scanned by CamScanner

como parte central do projeto de modernidade nacional das elites. Os caiçaras, os pescadores, as populações ribeirinhas, povos das florestas, dos manguezais, os sertanejos, enfim, todos aqueles excluídos dos centros da riqueza, do poder e da festa – das cidades – não faziam parte do sonho brasileiro.

Hoje, a situação é outra. Em São João das Missões, região do São Francisco, divisa de Minas Gerais com a Bahia, uma vereadora (que se considera branca), ao receber autoridades italianas, disse ter consciência de que elas estavam lá por causa da população indígena do município e que gostaria de ser parte dessa população. Poucos anos atrás, os "caboclos", hoje reconhecidos como o povo Xakriabá, não eram bem vistos na cidade; agora, são maioria na vereança municipal. São João das Missões tem pouco mais de 11 mil habitantes, oito mil deles vivendo na Terra Indígena Xakriabá. O município possui a menor renda *per capita* e um dos piores índices de desenvolvimento humano em Minas Gerais.

> ***"A urbanização deixou de ser restrita às cidades para se estender também pelas pequenas localidades e por todo o campo"***

Mas os Xakriabá têm hoje também mais de uma centena de professores qualificados nos ensinos médio e superior, além de investimentos públicos no seu patrimônio material e imaterial e uma interlocução política cada vez mais forte – o atual prefeito do município é irmão do cacique. Gradativamente, carros e motocicletas substituem cavalos e carroças, enquanto os eletrodomésticos, vídeo câmeras e computadores proliferam e equipam as casas reconstruídas para incorporar banheiros de água corrente (e com água recolhida da chuva). A cada dia os Xakriabá estão mais conscientes da sua ascendência cultural comum e trabalham para resgatar suas práticas e conhecimentos

Scanned by CamScanner

ancestrais. Até mesmo a língua, quase desaparecida nos 300 anos de aculturação, desde que habitam aquela região, está ressurgindo.

Uma liderança Xakriabá, durante um encontro em que representantes de aldeias indicavam as necessidades da sua comunidade, incluiu posto de saúde, nova escola, calçamento na rua, ligação elétrica nas casas que faltavam, entre outras coisas urbanas. Questionado sobre querer transformar a aldeia numa cidade, o velho líder disse: "Não! Nós só queremos condições dignas de vida".

Histórias e situações similares podem ser encontradas em todo o Brasil, em graus e características diferentes, unidas pela recente visibilidade dos povos chamados tradicionais. Sinais de uma inclusão, ou articulação, com o centro da sociedade, da cultura, da política e da economia brasileiras estão cada vez mais nítidos e fortes. Das margens do Tapajós e matas do Acre ao norte de Minas, e por todo o país, as populações tradicionais re-constroem sua trajetória, reivindicam cidadania e de fato são cada vez mais reconhecidas, no país e no mundo. Reiventam seu espaço e sua forma de vida combinando os tempos, as técnicas e as formas de organização social tradicionais com as contemporâneas do mundo ocidental, que recebem por meio dos mercados, da educação, da televisão e, cada vez mais, da Internet. Relações de parentesco e de vizinhança ainda predominam na organização da vida cotidiana, mas os processos apreendidos nas associações civis, na vida política e nos mercados urbanos constroem novas identidades, necessidades e comportamentos.

De fato, a partir dos governos militares, quando a indústria estrangeira produtora de bens duráveis (automóveis, televisões, eletrodomésticos, entre muitos outros) fincou pé no Brasil, principalmente nas grandes cidades do "Sul Maravilha", o Estado brasileiro se mobilizou para não apenas financiar esse processo de industrialização, mas também fortalecer as empresas construtoras (e seus fornecedores) nacionais, ao construir estradas e hidroelétricas (até na Amazônia) e

Scanned by CamScanner

incentivar e subsidiar a ocupação de novas terras. O Brasil se constituiu gradativa e rapidamente como um grande mercado integrado, onde em toda parte o consumo daqueles bens duráveis foi se tornando possível. Para isso, estradas, ruas e avenidas foram pavimentadas e companhias estaduais de eletrificação, saneamento, habitação, entre outras, foram criadas com recursos públicos para equipar as cidades e algumas partes do campo. Em pouco mais de duas décadas, várias das condições de vida e de produção que só existiam nas cidades grandes foram estendidas às menores. Ao longo das rodovias, chegaram até o campo a eletrificação rural, a telefonia, os produtos industriais para consumo e os novos instrumentos de trabalho: máquinas, veículos de transportes em geral, aparelhos vários. A urbanização deixou de ser restrita às cidades para se estender também pelas pequenas localidades e por todo o campo, até mesmo em partes das matas, dos cerrados e florestas.

Juntamente com a infraestrutura, foram estendidos às antigas áreas rurais os serviços sociais urbanos – educação, saúde, segurança e outros –, bem como as formas e relações de organização do trabalho: a carteira assinada, o salário mínimo, a aposentadoria, enfim, um conjunto de vantagens trabalhistas que antes só existiam nas cidades grandes e industriais e, mesmo assim, apenas em alguns setores modernos, como a indústria e o comércio (com seu "sistema S" – Sesi, Sesc, etc.), os bancos, os serviços de contabilidade, entre outros. Aos poucos, as condições de vida e de produção urbano-industriais, que se concentravam apenas nas cidades e provocaram uma migração campo-cidade, fazendo o país mais que dobrar seu grau de urbanização em 30 anos, foram estendidas por quase a todo o país. Surgiu assim um fato novo: o urbano, esse novo substantivo que se distingue do adjetivo da cidade, que é uma forma e processo social e espacial com elementos da cidade e do campo. O urbano, expressão simplificada do tecido urbano-industrial que nasceu do encontro da cidade com a indústria, cristalizou-se como um terceiro elemento no confronto entre cidade e campo, e que contém em si fatores das duas maneiras opostas de vida,

Scanned by CamScanner

manifestando-se em formas diversas, desde loteamentos ruralizados na periferia das metrópoles até localidades de populações tradicionais ao longo dos rios da Amazônia. Muitas são as combinações que o tecido urbano recria como síntese da dicotomia dialética campo-cidade.

Esta urbanização extensiva, que levou as formas espaciais e os processos sociais da cidade industrial a todo o território nacional, também trouxe as práticas políticas próprias da *polis* – a política – e da *civitas* – a cidadania. Movimentos sociais urbanos surgiram com força nas cidades nos anos 1970, mas já na década seguinte se estenderam pelo campo e pelas regiões mais distantes. Logo se mostraram na organização dos índios, em uma confederação nacional; dos seringueiros, em um conselho nacional; dos atingidos por barragens, em um movimento nacional; dos povos extrativistas, dos povos da floresta, dos quilombolas, dos sem-terra e de centenas de organizações da sociedade civil que surgiram também no campo e até mesmo nas florestas. As antigas populações tradicionais, invisíveis até então, começaram a ressurgir com força e visibilidade crescentes, organizando-se em vários níveis e escalas. A politização que caracterizou a retomada das práticas políticas nas cidades foi então estendida, juntamente com o tecido urbano industrial, a todo o território nacional.

Sem dúvida, uma das mais importantes questões contemporâneas que se somou a este movimento de reorganização política da sociedade com base no território e no espaço social é a problemática ambiental. Os problemas ambientais, levantados com maior força e clareza a partir dos anos 1970, trouxeram nova visão crítica sobre a sociedade industrial e contribuíram para deslocar o centro das preocupações da produtividade da indústria, que marcou o século XX, para uma retomada dos temas ligados à qualidade de vida, à vida cotidiana e ao sentido de reprodução coletiva da vida nas escalas locais e global, colocando em discussão a própria sustentação da vida humana no planeta. Desse modo, as questões urbana e ambiental ganharam proeminência nas preocupações

Scanned by CamScanner

humanas, como também uma atenção maior nas políticas públicas dos governos nacionais e dos organismos multilaterais, nesses tempos de economia, cultura e política globalizadas.

Ao privilegiar aspectos da vida cotidiana e do equilíbrio ambiental e ecológico no planeta, a agenda das políticas públicas e dos debates contemporâneos acaba por valorizar também outras formas de organização para a produção e para a vida coletiva. O resgate do interesse pelas populações tradicionais surge, pois, no marco de transformações societárias recentes, em que a crítica é recorrente e constantemente aprofundada ao modelo de sociedade e ao modo de desenvolvimento industrial (capitalista ou não) vigente. De fato, essa crítica vem se impondo quase como "natural", aparentemente irreversível. Em períodos de crise do modelo dominante, a busca por alternativas se impõe como possibilidade, sugerindo combinações e inovações que resgatem formas e valores sociais abandonados, tais como aqueles das populações tradicionais. Pensar sua articulação com os modos de organização social dominantes (no caso, urbano-industriais e capitalistas) e, ao mesmo tempo, considerar sua evolução e permanência é um dos grandes desafios que se colocam à sociedade brasileira contemporânea.

Nesse sentido, é importante repensar também a própria ideia de desenvolvimento, que tanto tem orientado nossas ações e desejos nas últimas décadas. O sonho do desenvolvimento, filho do sonho do progresso (inscrito em nossa bandeira republicana), precisa ser revisto caso se pretenda dar continuidade a esta transformação que parece se iniciar.[2] Já existe um consenso sobre o fato de o desenvolvimento social e econômico ser diferente do simples crescimento da economia, como se pensava até os anos 1970. De fato, todos concordam que desenvolvimento requer mudanças socioculturais e distribuição mais

2 Ver o capítulo "Da ideologia do progresso à do desenvolvimento", no livro *Dependência e Criatividade na Civilização Industrial*, de Celso Furtado.

Scanned by CamScanner

justa da riqueza gerada coletivamente, não sendo suficiente a simples acumulação de riquezas nas mãos de poucos, enquanto se mantêm estruturas sociais e políticas arcaicas. Além disso, em que pesem a mistificação e a apropriação do termo para fins de *marketing*, há também consenso de que o desenvolvimento social e econômico precisa ser ecologicamente sustentável e, assim, garantir que as gerações futuras tenham amplo acesso à natureza e aos recursos naturais para fazer frente às suas necessidades, até mesmo em questões tão simples, aparentemente, como água potável e ar respirável. Portanto, avançamos na compreensão dos problemas da sociedade contemporânea, mesmo que muito lenta e desigualmente.

Entretanto, há outros aspectos do desenvolvimento que precisam ser mais bem compreendidos, particularmente quando se pretende construir novos conhecimentos e de fato criar oportunidades de avanço social a partir da diversidade cultural que nos caracteriza. Nesse caso, as populações tradicionais ganham importância como detentores de um saber importante a respeito do mundo e, assim, como inter-locutores privilegiados.

> *"as populações tradicionais ganham importância como detentores de um saber importante a respeito do mundo e, assim, como interlocutores privilegiados"*

Os aspectos em questão tratam da compreensão do fato de que a ideologia do desenvolvimento implica desenvolver as populações e os territórios de vários de seus elementos constituintes para que o progresso se implante. Mas, o que envolve essas populações e territórios? Do que eles precisam ser desenvolvidos? E com qual objetivo?

Pode-se entender que as populações tradicionais – e por extensão, as populações pobres e marginalizadas do mundo capitalista – estão, ou estavam, envolvidas por crenças e formas de organização do poder

Scanned by CamScanner

e da produção incompatíveis com a lógica das relações capitalistas. São formas também incompatíveis com a racionalidade técnica e funcionalista própria das grandes burocracias estatais e empresariais. Assim, seu envolvimento com valores antigos pode dificultar a penetração da nova ordem estabelecida pela produção e consumo de massa, pela lógica hegemônica dos ganhos do capital financeiro; enfim, pelo conjunto de necessidades e dos valores dominantes da sociedade capitalista globalizada.

Trata-se, portanto, de discutir se queremos desenvolvimento, ou então se o queremos apenas subordinado ao re-envolvimento, ao resgate de formas e valores ancestrais mais coerentes com as questões ambientais e a vida cotidiana contemporâneas. Em suma, se queremos rever o próprio conceito de desenvolvimento e buscar reaprender com as populações tradicionais novos velhos sentidos para a reinvenção do futuro.

Scanned by CamScanner